



RODEIOS NO RIO GRANDE DO SUL: ENTRE O SIM E O NÃO, O RESPEITO AO ANIMAL

SOTILI, Ana Cristina¹; MACHADO Carlos Leandro²; LINCK, Ieda Márcia Donati³;
BULIGON Catiele¹; PEGORARO, Nara¹.

Palavras-chave: Leis. Ética. Cultura. Reflexão.

Este texto discute sobre os rodeios no Rio Grande do Sul, bem como apresenta os resultados obtidos em uma pesquisa de campo, informando o índice de aceitação dessa prática, com suas provas e as leis que a garante. Essa discussão iniciou na Disciplina de Produção Textual da Unicruz, em 2014. Após a pesquisa teórica e a apresentação em seminário disciplinar, pelo interesse na área, foi organizada a coleta de dados, em cursos distintos da universidade, cuja amostra se deu de forma aleatória. Os rodeios campeiros possuem várias provas, dentre elas rédeas, laço, vaca parada, gineteada. A partir de 2011, surgiu uma polêmica sobre o assunto, pois o Deputado Ricardo Tripoti apresentou o Projeto de Lei número 2086, com a finalidade de proibir a perseguição de animais em rodeios. No entanto, a continuidade se dá com base no Artigo 1º do Regulamento Campeiro da 13ª Região Tradicionalista diz que “é preciso facilitar a realização de eventos campeiros e torná-los homogêneos, permitindo que os participantes conheçam as regras antecipadamente e elas sejam adotadas por todo o Movimento Tradicionalista Gaúcho”. Assim, os animais seriam poupados de qualquer tipo de sofrimento, além do “previsto”. Dos entrevistados, 45,2% cursam Agronomia ou Veterinária, a maioria está no primeiro semestre, 42,2% foram homens e 57,8% mulheres, o que, talvez, explique alguns dos resultados, sendo: em relação à utilização dos animais dos rodeios no Rio Grande do Sul, 46,8% foi a favor, 16,2% são contra, 35,8% afirmam que depende do rodeio e 1,2% não souberam responder. A respeito das provas de rodeios, 50,3% responderam que algumas provas devem ser proibidas, 21,5% disseram que não e 28,2% não souberam responder. Este último percentual intriga, pois muitas pessoas não têm conhecimento sobre as provas, mas que mesmo assim são favoráveis aos rodeios. Outra questão levantada foi à situação dos animais utilizados em rodeios: 18,1% afirmaram que é apenas um esporte e não há maus tratos, 48,3% disseram que os animais são maltratados, 13,9% acreditam que as leis dão conta disso, 17,4% nunca pensaram sobre isso e 2,3% não souberam responder. Este é um tema que deve ser discutido de forma mais ampla, pois há muitas divergências nas respostas obtidas. Uma delas é que as pessoas acreditam que os animais são maltratados, no entanto, 46,8 dos entrevistados são a favor dos rodeios no Rio Grande do Sul, ou seja, sabem que os animais sofrem, mas o que vale é a diversão. Uma coisa é certa: é preciso formar cidadãos conscientes e sensíveis a situações como esta. A universidade, como construtora do conhecimento, tem obrigação de oportunizar a ressignificação de conceitos e práticas que, tidas como parte da cultura, não são questionadas. Isso fará a diferença na relação estabelecida entre o homem e os demais seres vivos. Não é uma questão de proibir esse esporte, mas repensá-lo, a fim de preservar a vida, garantindo o não sofrimento aos animais envolvidos.

¹ Acadêmicas do 1º semestre do Curso de Medicina Veterinária da UNICRUZ. anacristinasotili@hotmail.com; catielebuligon@hotmail.com

² Acadêmico do Curso de Enfermagem da UNICRUZ.

³ Orientadora. Doutoranda em Linguística/UFSM. Mestre em Educação. Mestre em Linguística/UPF. Grupo de Pesquisa Jurídica em Cidadania, Democracia e Direitos GPJUR. E-mail: imdlinck@gmail.com